

Pressa ou urgência?

Filipe Pereirinha

A urgência não é a pressa. É isso evidente?

Em “O tempo lógico”, um texto dos *Escritos*, Lacan viu na função da pressa a mola que leva o sujeito a precipitar-se no momento de concluir, temendo que os demais companheiros de prisão, a quem fora igualmente prometida a liberdade, se antecipassem a ele¹.

Por conseguinte, mais do que um tempo objetivo, é de uma subjetivação do tempo que se trata. Seria a função da pressa, neste caso, em relação ao momento de concluir, o que a urgência é para o instante de chegada?

Visando responder à questão, poderíamos exemplificar e, em certa medida, colocar à prova cada uma delas, a pressa e a urgência, por meio de duas pequenas vinhetas extraídas da prática analítica.

A primeira, bastante curta, tem a forma de uma questão que me foi endereçada, certo dia, por parte de um analisando, quando eu, subitamente, de um modo porventura *apressado*, cortei a sessão. Com um olhar de espanto e uma entoação de voz condensando, em modo de holófrase, interjeição e pergunta, ele disparou: – “Já?!”

¹LACAN, Jacques. O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada [1945]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 197-213.

A segunda, pelo contrário, diz respeito ao momento de chegada. Era o primeiro encontro, a sessão inicial. Tendo esta sido fixada para uma hora e um dia determinados, via celular, o *im-paciente*, como poderíamos justamente nomeá-lo, chega com bastante antecedência e, em vez de esperar o horário previamente combinado, toca a campainha, antecipando-se à hora, como se o que havia de urgente – isto é, urgia ou emergia nele – não pudesse esperar.

Ter-se-ia ele simplesmente apressado ou, mais rigorosamente, fora pressionado – no sentido em que falamos de uma pressão pulsional – pela urgência? Neste caso, a sutileza analítica ou *nuance* a apreender é a seguinte: mais do que *pressa*, temporal e subjetivamente falando, trata-se de uma *pressão* que emana ou aflui de seu corpo e que, literalmente, o impele.

E é verdade, sem dúvida, que havia algo em seu corpo que o pressionava a dizer – com urgência – o que o trouxera: basicamente um pânico e uma falta de ar.

O que faz, neste caso, o psicanalista? Concordando em recebê-lo em estado de urgência, irá ele cortar, rápida e apressadamente, a sessão ou, pelo contrário, dar-lhe-á tempo para respirar, nomeadamente a respiração que o bem-dizer outorga ao *falasser*, isto é, ao ser que fala e é falado?

Se a urgência é sempre da ordem do relâmpago, arriscando por vezes sufocar o sujeito, como foi o caso em concreto deste paciente, não deveria o ato analítico, ao invés, reintroduzir um pouco mais de ar onde ele falta ou está a menos?

Talvez a resposta mais apropriada seja aquela que o próprio Lacan deu no seu último escrito: nem a precipitação da pressa nem o atraso, mas antes “ficar a par desses casos, fazendo com eles par”².

Mas atenção: não se trata aqui de ser “par” consigo mesmo ou com o outro – algo de cariz imaginário – mas estar a par (*au pair*) e, sobretudo, fazer par (*la paire*) com cada um deles, um

²LACAN, Jacques. Prefácio à edição inglesa do “Seminário 11” [1976]. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 562-569. p.569.

por um, no momento certo do que urge na singularidade do incomparável de cada caso.

Eis justamente o que, muito antes de Lacan, os gregos chamavam *kairos*. A saber: momento oportuno. O momento de extrair da urgência o que nela urge e que, segundo Lacan, é a satisfação: “posto que dar essa satisfação é a urgência a que preside à análise”³.

Da *pressa* à *urgência* e desta à *satisfação* pulsional, o circuito estaria assim fechado e completo. Não obstante, e para não concluir de forma apressada, se eu fosse poeta, ou, como diz Lacan algures no *Livro XXIV*⁴, suficientemente poeta, o que não sou, talvez pudesse dizer enquanto poeta: “não te demores na rotina dos resultados”⁵.

A razão é simples e clara: há sempre novas urgências, tanto no sentido do que urge como do que não pode esperar. E se a *pressa* tem, apesar de tudo, uma função, esta deveria consistir em desassossegá-la a inércia ou a rotina do resultado, isto é, do já sabido.

Sobre o autor

Português, é doutor em filosofia moderna e contemporânea (com uma tese sobre a problemática do sujeito em Jacques Lacan) e psicanalista. Foi membro e vice-presidente da Antena do Campo Freudiano (ACF–Portugal) até recentemente. Foi professor e investigador do departamento de Psicologia da ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias). Foi membro e colaborador assíduo do Centro de Estudos de Psicanálise (CEP) e da *Revista Afreudite: Revista Lusófona de Psicanálise Pura e Aplicada*, além de convidado e colaborador regular, entre 2007 e

³LACAN, Jacques. Prefácio à edição inglesa do “Seminário 11”. Op., cit.

⁴LACAN, Jacques. Le Séminaire, Livre XXIV: L’insu que sait de l’une bévue s’aile à mourre [1976-1977]. Inédito.

⁵CHAR, René. Choix de fragments. In: _____. *Poèmes en archipel*. Paris: Gallimard, 2013. p. 166. No original: “ne t’attarde pas à l’ornière des résultats”.

2016, do Núcleo de Direito e Psicanálise da Universidade Federal do Paraná (Curitiba, Brasil). É autor dos livros *Psicanálise & Arredores* (Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2005) e *Passagens: da Literatura à Psicanálise* (Florianópolis, Empório do Direito, 2016), bem como de inúmeros artigos publicados em livros, revistas e *sites* nacionais e estrangeiros. Fez igualmente parte do Conselho Editorial da *Revista Desassossegos: Revista de Psicanálise de Orientação Lacaniana*, de que foi coautor e colaborador ininterrupto nos quatro números publicados. *E-mail*: filipepereirinha@gmail.com

Referências

- CHAR, René. *Poèmes en archipel*. Paris: Gallimard, 2013.
- LACAN, Jacques. O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada [1945]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 197-213.
- LACAN, Jacques. Prefácio à edição inglesa do “Seminário 11” [1976]. In: _____. *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 562-569.
- LACAN, Jacques. *Le Séminaire, Livre XXIV: L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre* [1976-1977]. Inédito.